



Disciplina

HZ 465 Antropologia no Brasil

Docente

Bernardo Fonseca Machado
bernardofmachado@gmail.com

Ementa:

Curso que visa familiarizar os estudantes com as tradições da disciplina no Brasil, no contexto mais amplo da história da antropologia. A bibliografia incluirá análises dos aspectos institucionais - museus, centros e faculdades onde os antropólogos desenvolveram seus trabalhos de pesquisa e ensino metodológicos e teóricos dessa história.

Programa:

O curso pretende apresentar alguns dos principais debates que atravessaram e constituíram a disciplina de Antropologia no Brasil. A abordagem destacará os temas, os objetos, as metodologias e as questões desenvolvidas ao longo dos anos por antropólogas e antropólogos no país. De um lado, a disciplina tratará do contexto político-social no qual cada conhecimento foi elaborado e, de outro, discutirá os aspectos institucionais e epistemológicos envolvidos no processo.

A estratégia não se propõe a discutir a totalidade das obras e de debates que marcaram o processo de formação da disciplina. Antes, o curso fará o esforço para indicar como sujeitos, instituições e discussões nacionais e internacionais afetaram a produção do conhecimento antropológico no país indicando algumas das particularidades de certas correntes de pensamento.

Serão alvo de discussão temas como: o processo de institucionalização da disciplina no século XX, a criação da chamada etnologia brasileira, a antropologia das relações étnico-raciais, a formulação da antropologia urbana, os estudos da antropologia sobre religião, a constituição dos estudos de gênero, entre outros.

Por conta da pandemia em que vivemos, as aulas presenciais (síncronas) serão intercaladas com vídeo-aulas feitas pelo docente e disponibilizadas para estudantes (atividades assíncronas). Em algumas ocasiões, antropólogas e antropólogos participarão dos encontros apresentando suas pesquisas para que a discussão sobre a disciplina alcance os debates contemporâneos.



Informações gerais sobre o formato da disciplina:

- A disciplina prevê atividades **síncronas e assíncronas** (com docente e estudantes online ao mesmo tempo e com docente e estudantes em momentos distintos online)
- **O Google Classroom** será a plataforma utilizada
- As aulas serão semanais, mas o formato irá se alternar: em uma semana haverá atividade síncrona e na semana seguinte haverá atividade gravada pelo docente.
- Quantas horas por dia? – 2 horas por encontro
- As aulas serão expositivas e dialogadas
- As atividades serão gravadas e disponibilizadas para os/as alunos/as acompanharem de forma assíncrona. Em uma semana, o docente disponibilizará os textos obrigatórios e um vídeo apresentando os pontos principais da discussão no Google Classroom. Na semana seguinte, faremos uma aula por videoconferência e, em algumas ocasiões, receberemos uma pessoa convidada para aprofundar a discussão. Nesta ocasião, a fala também será gravada para ser disponibilizada posteriormente. Com isso, pretende-se garantir tempo para que estudantes possam ler os textos, formular considerações a respeito deles e, em caso de não comparecimento na atividade, assistir posteriormente ao debate.
- Todos os textos (obrigatórios e complementares), as aulas gravadas pelo docente e os powerpoints serão disponibilizados no Google Classroom.
- Os materiais da disciplina correspondem a trechos de livros e artigos científicos. Em algumas das aulas haverá material complementar: vídeos disponíveis na internet e podcasts de tocadores.

Bibliografia:

BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. Brancos e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Global. 2008 (Capítulo 3 – “Manifestações do preconceito de cor” – p. 154 a 189)

BARRETO, João Paulo Lima; SANTOS, Gilton Mendes. A volta da Cobra Canoa – em busca de uma antropologia indígena. Revista de Antropologia, v.60, nº1, 2017, p. 84-98.

Baniwa, Gersem. “A Conquista da Cidadania Indígena e o Fantasma da Tutela no Brasil Contemporâneo”. In: Constituições Nacionais e Povos Indígenas. Alcida Rita Ramos (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012

BOTELHO, André. SCHWARCZ, Lilia (orgs.) Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- Carneiro da Cunha, Manuela. Cultura com Aspas e outros ensaios. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2009
- CARRARA, Sérgio ; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cadernos Pagu, n. 28, pp. 65-99, 2007.
- CORRÊA, Mariza. "Traficantes do Excêntrico". In: Corrêa, Mariza. Traficantes do Simbólico e outros ensaios sobre a história da antropologia. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. (p.35-70)
- CORRÊA, Mariza. "A antropologia no Brasil (1960-1980)". In: Sergio Miceli (org.). História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Sumaré/FAPESP, vol. 2, 1995.
- DURHAM, Eunice. "A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas". In: CARDOSO, Ruth (org). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, pp. 17-37, 1986.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2003.
- FRY, Peter. "Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, nº 28 (2), p. 80-101, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. IN: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na escola. 2ª Edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. "Estudos de gênero no Brasil". In: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.
- LARAIA, Roque de Barros. 2014. "Os Primórdios da Antropologia Brasileira (1900-1979)". ACENO, Vol. 1, no 1, p. 10-22.
- MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.
- MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 14, nº 41, Outubro/1999
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 3º Seminário Nacional – Relações Raciais e Educação, PENESB-RJ, 2003, p. 1-17.
- PEIXOTO, Fernanda. "Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo". Revista Mana, vol.4. n.1, 1996.
- PINA CABRAL, João. 2004. "Uma história de sucesso: a antropologia brasileira vista de longe". In: W.T.Filho & Gustavo L. Ribeiro (org.). O campo da antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: ABA/ContraCapa.
- PONTES, Heloisa. "Intelectuais Acadêmicos". In: PONTES, Heloisa. Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo 1940-1968. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, Degenerescência e Crime. Tradução de Mariza Corrêa do artigo "Métissage, dégénérescence et crime", publicado nos Archives d'Anthropologie Criminelle, v.14, n.83, 1899



SCHWARCZ, Lilia. “Questão racial e etnicidade”. In: MICELI, Sergio (org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.), Sociedades Indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora da UFRJ/Editora Marco Zero, 1987.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: NUNES, Edson (org.). A Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. NUNES, Edson (org). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Observações:

- A bibliografia completa e o programa especificando o conteúdo de cada aula serão entregues no começo do período letivo.
- A avaliação será individual e assíncrona (realizada em um momento fora do previsto da aula). Corresponderá a um texto analítico sobre um tema tratado durante o curso. [A congregação da Universidade ainda não concluiu recomendação sobre o uso de notas ou conceitos (S/I). Assim que houver a recomendação, o docente será informado e informará estudantes].
- Horário de atendimento – Ao longo do semestre, estudantes podem solicitar conversas e reuniões com o docente.
- Não haverá reprovação por falta. Entretanto, estudantes e docente devem manter comunicação, seja por participação/retorno nas/das atividades ou por troca de mensagens via sistema.
- O formato da disciplina pode ser alterado ao longo do semestre caso discentes e docente conclua que ele não está contribuindo para o aprendizado. O programa também está sujeito a modificações no decorrer do curso.